

DESREGULAÇÃO E REMONTE NO ESPAÇO GEOGRÁFICO GLOBALIZADO¹

Ruy MOREIRA²

Uma sensação de insegurança nos assalta nesta virada de século. Palavras de claro recorte geográfico e poderes mágicos como globalização e pós-moderno, acompanhadas de privatização, desregulamentação, despatrimonialização, flexibilização, desmonte do Estado, aparecem propondo-se designar e oferecer sentido explicativo ao que acontece.

Indícios de um mundo entrado numa escala de tempo-espço nova, quais as formas e práticas espaciais dessa nova realidade geográfica?

1 A FUNDAÇÃO

A humanidade acabou de sair dos mundos regionais. Os mundos herdados das antigas civilizações. Aí, em circunscrições territoriais bem demarcadas, os homens viviam uma vida local, numa relação local através de meios técnicos locais (SANTOS, 1994). Dessa relação localmente ambientalizada, derivavam suas formas de tensão, cosmologia, noção de mundo, identidade cultural. Havia então vários mundos.

A partir dos séculos X-XII, essa geograficidade absolutamente regionalizada começa a se transformar. Interligações cada vez mais frequentes e com efeitos de

¹ Conferência realizada sob o título "A flexibilização das Fronteiras Frente ao Mundo Globalizado", na II Semana Interdisciplinar, da Faculdade de Filosofia "Cora Coralina", em 23/09/97.

aculturação recíproca, embora assimétricos, refazem as cosmologias, forjam novas identidades, criam novas tensões, e, por fim, tecem a aproximação das formas(MOREIRA, 1997).

A instauração e expansão da economia de mercado é o fio de Ariadne que costura as metamorfoses. E suas transformações são as transformações que veremos se dando nas configurações do espaço.

Tanto quanto a moeda e o capital, as trocas são habituais entre os povos das civilizações passadas. A troca, a moeda e o capital circulavam por dentro de estruturas, mas não a geravam entretanto ou sobre elas exerciam mando. É uma formação sócio-econômica estruturada na lógica da troca, organizada no circuito do dinheiro e voltada para a acumulação do capital, o que veremos nascer por volta dos séculos X-XII. Seu surgimento relaciona-se ao da sociedade capitalista, uma sociedade na qual aquelas categorias econômicas são a base estruturadora, determinante e definidora da qualidade e movimentos.

O prenúncio é a série de mudanças que tanto a oriente quanto a ocidente ocorrem por volta do século X. Mudanças relacionadas às transformações técnicas que introduzem o sistema de jardinagem na rizicultura e têm por resultado a passagem de uma para duas-três safras/ano no oriente e às que levam o sistema bienal a progressivamente passar para o sistema trienal de cultivos no ocidente. Metamorfoses que no ocidente europeu desembocam na economia de mercado, o oriente mantendo-se sob suas antigas relações, mercê, aventa Marx como hipótese, das estruturas arraigadamente comunitárias do modo de produção asiático (MARX, 1992).

É essa emergência da economia mercantil que impõe radical reconfiguração aos espaços. Os territórios são redivididos e transformados em circunscrições de mercados cativos, originando novas unidades espaciais, cada qual submetida ao

¹ Professor do Departamento de Geografia da UFF.

mando das forças comerciantes locais.

Aí, a burguesia emergente lança âncoras, inaugura a política do bloco histórico, por meio do qual instituirá a unidade do novo espaço, e impõe nomenclaturas apoiadas em símbolos de unidade mobilizados para esse fim. A moeda, que é unificada sob um só padrão, desbloqueando os fluxos das trocas, seu símbolo virando marca de identidade do espaço. As unidades de pesos e medidas, que são padronizadas sob um só sistema (na França o sistema decimal) dando uma referência comum ao quilo, ao litro e ao metro, de uma ponta a outra do território. A língua única, que substitui os dialetos e diferenças lingüísticas, unificados num só idioma. O romantismo, que surge na arte e na literatura infundindo o imaginário da unidade. A escola moderna, que aparece com a função de, pela educação sistemática, sedimentar a cultura padrão.

Desse espaço simbolicamente integrado e circunscrito como unidade de mercado surge o Estado nacional. A unidade política que herda e organiza pela ação da sua malha político-administrativa o recorte territorial dos mercados. Estado e mercado fundando, fusionados, o espaço nacional.

Paralelamente, entretanto, corre em simultâneo um movimento de sentido contrário. As próprias forças do mercado que dividem, agem para juntar ao mesmo tempo as circunscrições segmentadas num mundo só, através duma divisão internacional do trabalho e das trocas.

Aqui, os símbolos são os universais metafísicos. Categorias de significado geral, extraídas da filosofia clássica.

A nova forma de percepção do espaço, que desde o século X-XI se desenvolve no âmbito da pintura, com sua representação em perspectiva, ponto de fuga e quadrículas, é a referência geral. Percepção que reflete a noção do tempo como ritmo matematicamente constante que num mesmo momento institui nova

noção de espaço e se institui (MUMFORT, 1992).

Em 1569, esta nova percepção de tempo-espaço aparece visualizada no mapa-mundi de Mercator. Um painel global mostrando pela primeira vez numa mesma representação a imagem de todas as terras e mares da superfície terrestre. Centrado na Europa, é um mapa que consolida o imaginário etnocêntrico alimentado no continente das viagens de Marco Polo à grande aventura das navegações e descobertas. O ponto de apoio são os recursos de localização e distribuição dos aspectos da paisagem introduzidos na pintura e que Mercator transportará da tela para a cartografia, por meio da rede do *canevas*, com meridianos e paralelos se cruzando em ângulos retos sobre a superfície terrestre.

A Terra pôde então ser dividida em fusos-horários. Um sistema inventado para unir os lugares num único horário mundial, regulado no relógio de precisão. Desses fusos, sai um calendário mundial, destinado a sincronizar produção e movimento dos meios de comunicação e transporte na escala e regularidade de tempo necessitadas pelas trocas mundializadas.

Mas o arremate do quadro é a idéia gravitacional da natureza. Um sistema de idéias baseado na noção de comportamento mecânico e matematicamente uniforme do movimento dos corpos, propiciando a constituição do padrão de técnica universalmente aplicável e aceito que paulatinamente irá desembocar na revolução industrial.

Uma configuração contraditória de espaço, que ao mesmo tempo é fragmentação (a diversidade das circunscrições territoriais de mercado ordenadas como unidades territoriais pelos Estados) e unicidade (a organização internacional de trabalho e de trocas baseada no pequeno número de princípios universais, que, da fábrica aos meios de comunicação e transportes, tudo integra e padroniza), assim se instaura, instalando a tensão na base da modernidade.

2 A FINANCEIRIZAÇÃO

Tensão de configurações que empurra os Estados nacionais em contendas por domínios e faz a economia de mercado entrar na fase do imperialismo quando da emergência da indústria.

Indústria significa substituição da esfera da circulação pela esfera da produção como força construtora do espaço. E a fábrica como símbolo do novo.

Unindo o mercado a montante e a jusante, a montante pela entrada de matérias primas e formas diversificadas de energia, e a jusante pela saída dos produtos rumo ao consumo, a indústria fabril põe-se no centro da organização do espaço. Articula, de olhos no âmbito do mercado, tudo numa rede das relações. E puxa para si a constituição do espaço. A imagem da fábrica se propagando por toda a paisagem.

Distintos campos teóricos captam essa nova lógica da ordenação do espaço. Marx, na sua teoria da subsunção formal (a esfera da produção preponderando sobre a esfera da circulação, em face da centralidade estruturante do movimento gerativo da mais valia). La Blache, na da localização (a fixação dos fenômenos num ponto determinado do território como fundamento da sua construção geográfica).

Centrando a organização do espaço, a indústria dá-lhe nova escala. Não lhe satisfazendo o mercado local, e mesmo o regional, a indústria eleva a economia de mercado à escala dos continentes.

Daí que as grandes potências se lancem na disputa do mundo, em nome das suas necessidades industriais. Assim, após redividir o espaço nas circunscrições cativas do comércio, a economia de mercado o faz agora em função das necessidades da indústria. Macrodividindo-o na amplidão dominial das colônias, onde a bandeira

imperial é o símbolo.

A armadura é a divisão interindustrial de trabalho. Configuração que surge das formas de energia e meios de comunicação e transporte da segunda revolução industrial, que liberam a indústria de todo rigor de localização e lhe permite que se difunda e assim multiplique o número de países industrializados, tornando a indústria um fenômeno mundial. Paulatinamente, a divisão interindustrial de trabalho avança sobre os espaços, e, nessa medida, integra os processamentos produtivos, funde os circuitos do capital, alarga sem limite o raio de alcance das trocas, converte em civilização a cultura de mercado do capitalismo, tudo subordinado a uma escala crescentemente maior de mundialização.

Entretanto, é o interesse da finança o que está por trás da indústria. É ele o móvel real desta aventura da economia de mercado historiada como a forma do imperialismo industrial. A fábrica comanda a produção, define a rede das relações, determina a modalidade e o movimento do arranjo dos espaços. Mas é a necessidade da finança que dá o tom, a dinâmica dos movimentos, o sentido das trocas, a direção das montagens.

Olhando a sua preponderância na organização dos espaços, parece comprovar-se o mapeamento dos mercados de matérias-primas pelo prisma da necessidade da indústria. O molde das paisagens o corrobora. Contudo, embora realizando-se por intermédio da acumulação industrial, já se identificam nos aspectos da paisagem os indícios do interesse da seleção das finanças.

Inúmeros geógrafos detectaram este ardil. Brunhes, na advertência da preponderância da categoria geográfica da distribuição sobre a da localização. Reclus, na denúncia da hegemonização dos espaços pelo "sindicato das finanças". Ambos, num conflituoso com a visão locacional de La Blache.

Não lograram todavia vê-lo como ardil, apesar de já de alguma forma isto

transparecer no papel dos elementos da circulação como modus operandi espacial do novo. Mesmo os estudiosos marxistas, Hilferding dentre eles, preocupados com a pressão da indústria sobre a ação das potências, prendem-se à centralidade da esfera da produção, pouca importância dando à ação dos meios de comunicação e transporte. Passa-lhes despercebida a sutileza de que o capital financeiro, fundidor orgânico de todas as esferas, é produção e circulação, subsunção real e formal, mas que, sendo parte da esfera, da circulação, age por meio desta.

Boa parte dessa aparente ambigüidade vem do fato de que embora movimentada pelo interesse da finança, a economia de mercado necessita usar ainda do veículo da indústria e de assim pôr a esfera da produção no centro. Contradição aparente, que se explica no atraso da esfera da circulação ainda imperante no curso da primeira revolução industrial. Embora a ferrovia e a navegação marítima, trazidas pela energia despreendida do carvão, alarguem a produção e as trocas do nível local e mesmo regional para o nível continental e mundial, ampliando os horizontes, a localização das indústrias junto à tirania das minas de carvão reduz o alcance escalar do seu arranco.

São as formas de energia da segunda revolução industrial que retiram a circulação dessa escala limitada de horizonte. A eletricidade e o petróleo juntam o caminhão, o automóvel, o trem, o navio e o avião, entre si, e com o telégrafo, o telefone e a televisão numa só rede, e envolvem e recobrem numa mesma trama toda a superfície do planeta.

A esfera da circulação se autonomiza. A circulação atinge então uma escala de abrangência tão ilimitada e ampla que a produção vira um simples conjunto de pontos dentro do seu encaixe. E o mercado se ramifica num conjunto diverso de lugares, cada lugar virando um ponto de uma rede, cada qual como uma oportunidade diferente de intervenção. A centralidade da esfera da circulação fica

evidente, evidenciando a principalidade da finança.

O surgimento da tecnologia da informática sedimenta de vez essa nova contextualidade. O conteúdo relacional passa a se tornar o aspecto principal do espaço. O espaço se mundializa e encolhe, ao mesmo tempo em que aumenta em complexidade. Informar-se passa a ser a grande necessidade para o capital. E circular sua necessidade vital.

Valoriza-se a informação. No meio das matérias primas minerais, vegetais e animais disputadas pela indústria, a informação emerge como a matéria prima por excelência do novo espaço. Sua busca é que dita as performances, a conquista dos mercados, a vantagem competitiva, a perspectiva dos resultados. Estar bem localizado é estar dentro da globalidade da informação. Ter a acessibilidade ao alcance das mãos. A maior ou menor facilidade do seu acesso dita o movimento da localização, a dinâmica redistributiva, a realidade dos mapas das empresas.

Organizado nessa estratégia, o espaço deixa de ter na informação apenas um dado, para tê-la como o seu próprio conteúdo. Cada objeto instalado, cada pedaço construído, cada dado que materialize um estado da técnica, é informação. Daí que dominar o espaço ganha um sentido geopolítico diferente. Não mais o de dominar territórios, mas sua leitura. Tão útil quanto "saber ler o espaço para nele saber se organizar e nele agir" (LACOSTE, 1984), vira agora saber utilizá-lo como um espaço informacionalizado (SANTOS, 1996).

Tudo revelando um mundo que em consequência como um todo se financeiriza. Explicitando-se essa forma da hegemonia da finança como a lógica que determina, o imperialismo industrial aqui aparecendo como um capítulo de transição necessária.

A economia de mercado desemboca, por fim, na realização do capitalismo como um sistema integralizado, sob a forma da globalização. Um termo de

significado espacial por excelência.

É uma qualidade radicalmente nova de escala, na qual o capitalismo avança, e tudo se desterritorializa, tudo subordinando à forma de prática espacial que doravante se torna sua maior característica: a mobilidade territorial.

A mobilidade territorial relaciona-se com a liberação da localização espacial da indústria em sua forma absoluta pela centralidade orgânica da esfera da circulação. Liberta da tirania da mina de carvão pela autotransportabilidade da eletricidade e do petróleo, a indústria desde então se espraia, levando a arrastar-se consigo a relação montante-jusante pela superfície terrestre, até que, com a globalização, rompe toda amarra, sua liberação se estendendo para o sistema de localizações como um todo.

Efeito dessa liberação das localizações, a mobilidade territorial torna-a mais absoluta. E dá origem a uma seqüência de transformações que mudam a relação natural do espaço, o conteúdo do mercado e a própria forma dominante do capital.

O primeiro efeito é uma radical mudança demográfica. A flexibilização de todas as localizações flexibiliza a distribuição do trabalho, resultando na disponibilização territorial em massa do trabalhador. Um fenômeno iniciado na desterritação dos camponeses no século XIX, que dá origem aos grandes movimentos migratórios de irlandeses, escoceses, italianos, eslavos, chineses, espanhóis, portugueses para o Novo Mundo, e, hoje, aos de negros africanos, árabes, asiáticos e latino-americanos em migrações para o primeiro mundo, numa incrível inversão das direções.

O segundo efeito é a desestruturação da geografia física. Cada dado da natureza paulatinamente se deslocaliza, num ritmo de aceleração que se generaliza por todos os fenômenos naturais e todo o planeta. Processo que começa, na verdade, no período das grandes navegações e descobertas, com o intercâmbio de animais e

plantas entre os continentes -- a cana de açúcar sai do sudeste da Ásia, o café da África Árabe e o trigo da Europa para se difundirem pelas Américas; o milho e a batata saem das Américas para se difundirem num sentido contrário pela Europa --, e que com a globalização vai além dos ecossistemas, para atingir a territorialidade de todos os componentes da natureza, numa alteração generalizada do espaço físico.

O terceiro efeito é a mudança na relação territorial do trabalho. Pondo homens e dados da natureza à disponibilidade duma geopolítica de mobilidade do capital num ritmo que é proporcional ao volume de movimento de ocupação de espaço que a economia de mercado requisita, a mobilidade territorial reestrutura comunidades humanas e ecossistemas inteiros, alterando a relação homem-meio na mais radical desarrumação sócio-ambiental do planeta.

O quarto efeito é a mudança que faz da divisão internacional do trabalho e das trocas a própria essência do mundo único e interdependente. As diferentes fases produtivas da mercadoria, que, até antes, processavam-se nas fronteiras internas de um mesmo país, se distribuem agora por entre vários, cada uma indo processar-se num país diferente, juntando suas economias num todo solidário e globalmente interdependente. É o processo em que, após se tornarem multi, empresas e diferentes organismos entrecruzam suas origens e então se tornam transnacionais, e cujo melhor exemplo são as montadoras de automóveis, setor de estrutura em nebulosa, em que uma indústria centra uma multiplicidade de fornecedoras, permitindo-lhe instalar-se indiferenciadamente em qualquer canto do mundo.

O quinto, e derradeiro, efeito, é a mudança da qualidade do capital. Com tão ampla mobilidade, já não se terá mais pela frente o capital criativo, mas o volátil, que se multiplica improdutivamente. O capital nascido do circuito D-M-D', que se converte no que se autoalimenta num circuito D-D'. O capital nascido territorialmente comprometido com os lugares, convertido no móvel tipo "via

expressa". Surge o capital que ao mesmo tempo em que aqui aglutina a massa trabalhadora, já especulativamente a desemprega para reaglutiná-la adiante em qualquer outro canto. O capital que faz da mobilidade do espaço sua vontade geopolítica.

Impulsionada por uma desterritorialização que rompe todo limite de escala, a unidade mercantil do capitalismo prevalece por fim sobre os espaços de circunscrições cativas das trocas e converte a mobilidade territorial em fluidificação do espaço.

3 O REMONTE

É assim que, globalizado, desterritorializado, móvel e fluidificado, o espaço engravida-se da forma de tensão que hoje vivemos: o conflito do capital com a barreira das rugosidades que ele mesmo foi distribuindo na sua passagem rumo à integralização globalizada e que agora se interpõem à sua livre movimentação. Radicalmente diferenciadas por suas escalas, as circunscrições do mercado e do Estado se divorciaram e entraram em profunda situação de conflito.

Então, o capital declara envelhecidos os velhos símbolos de regulação do espaço e chegada a hora dos desmontes: numa ponta, do casamento mercado-Estado; noutra ponta, da velha metafísica que de longa data sustenta o sistema do capitalismo. Em todas, a insegurança.

O fato é que os fluxos geográficos do capital hoje se esbarram nas circunscrições nacionais de mercado que o seu interesse inicial instaurara. Vendo seu fluxo represar-se nas regras dos Estados ontem erigidas como muros de defesa da economia de mercado, mas que no espaço fluido de hoje se mostram numa

inaceitável seqüência de barreiras, declara findas as anteriores regulações espaciais, e decreta seu desmonte. Desmonte que é remonte: desmonte do Estado, para remonte da economia de mercado. Desmonte de regras, apresentado como fim do Estado. Assim: desregulação: dissolução da legislação protetora que comparte o espaço em circunscrições fechadas de mercado e bloqueiam o livre trânsito exigido pelas transações financeiras; despatrimonialização: privatização das empresas estatais por meio de leilões que ativem bolsas e atraiam a movimentação do capital volátil, hoje calculado em 30 trilhões de dólares; flexibilização: extinção da legislação do trabalho que abra para sua mobilidade e assim desenrijeça seu custo.

Mas desmonte igualmente dos universais. Desmonte da lógica discursiva do todo como essência da verdade, em troca das categorias que formalizem o espaço liso como uma diversidade múltipla de inter-textos hologizados. Um problema relacionado ao tema da razão. Então, da filosofia, que, tal como a financeirização globalizada, vem à cena e invoca o fim de tudo que é moderno. Isto é, das metanarrativas, o quadro das universais metafísicas que o projeto da construção capitalista lhe pedira emprestado. E, tal como o capital fez com o cipoal das regras dos outrora cem-tantos mercados nacionais ao longo do tempo institucionalizadas, a filosofia proclama findo o todo, o determinado, o permanente (Havey fala da compressão do espaço, Virílio da substituição do espaço pelo tempo, Augé do não-lugar e Lipietz do flexível). E declara emergente o intertexto, a diferença, o efêmero, categorias do fluido (MOREIRA, 1997).

O fato é que, tal qual acontecera no período da Renascença, em que a mudança de escala exigira um espaço-tempo novo, a revolução na percepção exige os conceitos que introduzam o hoje numa era de espaço-tempo nova. E, assim como antes, introjete o olhar e atitude do tempo e do espaço que projetem uma idéia de natureza nova.

Desde a virada dos séculos XIX-XX, a ciência vem conhecendo uma revolucionária revirada na compreensão da matéria. A descoberta da física das partículas, a física quântica, altera a concepção da natureza. E desde então, não se parou de proceder a uma revisão generalizada dos conceitos. Da física dos quanta, nasce a biologia molecular. Um modo de compreender-se a estrutura e o movimento dos fenômenos como síntese da matéria viva, que reduz o imperialismo da leitura mecânica a planos seguidamente restritos de escala, e sobrepeõe-lhe uma forma de leitura a da natureza de referência ao mesmo tempo diversa e holística. Fazendo o todo perder o sentido do mecanicamente único e uniforme, para adquirir mais adiante o do hermeneuticamente múltiplo e biodiverso.

Uma mudança do enfoque já houvera começado com a relatividade de Einstein, na qual o significado do olhar entra em conta, dando-se azo ao papel científico da subjetividade. A concepção quântica vai além todavia e radicaliza, extinguindo a universalidade da certeza e referendando um conceito abertamente novo de objetividade, de espaço-tempo, e assim de subjetividade.

Entretanto, coincidentemente ou não, enquanto o projeto da construção do capitalismo não se completa, e não se tem um contexto propício à emergência do novo, as novas idéias têm que manter-se fechadas no círculo restrito das academias. Este vem com a globalização, que entrecruza, transnacionaliza e integraliza o sistema do capitalismo.

É o consumo transnacionalizado dos recursos que abre então para a sua crítica. Abrangendo toda diversidade de espaços, a conglomeração de empresas põe o capital investido numa pluralidade de campos e consumações, que estimula o surgimento da crítica ecológica. Uma condenação tímida do consumo sem freios, que de início se materializa numa racionalidade nova de consumo consubstanciada nas noções de recursos esgotáveis e irreversíveis, cresce, e, a seguir, preconiza uma

mudança de paradigma de natureza, até que desemboca no modelo do desenvolvimento sustentado.

Então, uma "consciência", que, pelas mãos da intelectualidade, da escola e da mídia, rapidamente se culturaliza, de imediato se propaga, difundindo as concepções novas para além dos antigos guetos, massivamente popularizando-as. Pensar de modo quântico e biodiverso se torna então algo tão natural e verdadeiro, quanto o fora até antes pensar de modo mecânico e monista.

É quando a biologia molecular evolui para se converter num universo vocabular novo, introjetando o imaginário dos clones, do tipo sci-fi do Blade Runner ao tipo mais real da ovelha Dolly, indicando a emergência do novo espaço simbólico. Para trás, ficou o espaço simbólico das muitas faces monetárias, personagens românticos e modelos de nacionalidade, vindo à superfície o espaço espiralado da hélice genética, das florestas pluriformadas, da paisagem biodiversa.

Desmotes-remontes. No fundo, uma plethora de desempates, que a literatura resolveu dar o nome genérico de pós-modernidade e que, antes de significar o fim de tudo, são, em realidade, metamorfoses de ciclo. Reestruturações.

Tanto que cada forma de desmonte traz consigo a do remonte correspondente: a desregulação traz a contrapartida do direito ambiental, que legisla sobre o meio ambiente na sua inteireza geográfica, substituindo a legislação que reproduzia a fragmentação político-nacional dos Estados sobre as unidades de ecossistema; a desregulamentação traz a da gestão das bolsas de valores sobre o movimento banalizado do capital volátil; e a flexibilização, por fim, traz a da entrega do emprego ao jogo puro da mobilidade dos desterritorializados.

Por isso, mais que qualquer outro, é o mundo flexibilizado do trabalho o dado que com mais transparência revela a natureza e o rumo dos acontecimentos. Cada era de configuração de espaço encontra sua equivalência numa relação social

correspondente de conflito. A modernidade conhece a tensão dos movimentos nucleados na questão nacional e na questão do campesinato. O imperialismo, a tensão dos movimentos polarizados nas lutas da burguesia e do proletariado. A fluidicidade atual, por fim, a tensão plural dos desassentados: os sem-terra, sem-teto, sem-documentos, sem-emprego, os pós-proletários.

Dos territórios regionais compartimentados do passado à reciprocidade mercantil dinâmica de toda escala planetária de hoje, as formas de conflito sucessivamente se renovaram. A diferença é que nas formas de lutas sociais anteriores, um ponto de localização territorial sempre existiu, referenciando a ação logística de um lado e de outro dos contedores, ao passo que nas formas globalizadas de hoje a falta de referências fixas é uma característica absoluta.

O tempo conflitou-se nas tensões de um espaço fluido.

BIBLIOGRAFIA

- LACOSTE, Yves. **A Geografia -- isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** São Paulo: Papyrus, 1988.
- MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Revista Ciência Geográfica.** Bauru: AGB - Bauru, n.6, abr. 1997.
- MUMFORD, Lewis. **Técnica y civilización.** Madrid: Alianza Editorial, 1992.
- SANTOS, Milton. **Técnicas, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico internacional. São Paulo: Hucitec, 1994.